

Teledevaneios

Caroline Santana Pereira
Faculdade Cásper Líbero

Índice

1 Paralelos	1
2 “Da idade da pedra à roupa de plástico”	2
3 O fantástico é preocupante	3
4 30 motivos para sonhar	4
5 Bibliografia	4

De acordo com os estudos de Carl G. Jung, o sonho é uma manifestação do inconsciente, a parte desconhecida da psique humana. Sonha-se todas as noites – ou nos momentos em que o corpo decide dormir. Tal exercício auxilia a psique a encontrar um equilíbrio da química cerebral e, em certos casos, ajuda a transcender, a sair do universo conhecido, para receber mensagens do inconsciente.

Beatriz Sarlo, em seu estudo sobre a televisão, com determinada atenção para o processo de zapping, utiliza a terminologia sonho para titular seu trabalho “O sonho acordado”, que para ela é um estado de espírito atingível apenas com um clique, ou vários cliques no aparelho televisor, ou melhor, no controle remoto.

Para a autora, talvez não seja tão necessário dormir para sonhar. Basta estar acordado, vivo, e sintonizar a mente no audiovisual.

O chamado mundo real, das obrigações, do cotidiano, perdeu o seu encantamento (concepção weberiana). Por esses e outros motivos - como a falência de determinadas instituições sociais - homem procura viver em um estado paralelo, onde seja possível transcender acordado. Tal possibilidade é apresentada pela TV: “Diante da aridez de um mundo desencantado, a televisão traz uma fantasia sob medida para a vida cotidiana” (SARLO, 2000: 82).

1 Paralelos

Sonhar acordado tornou-se um prazer. No sonho jungiano o inconsciente envia mensagens até conhecidas, porém não traduzíveis. Jung diz que o sonho não é passível de interpretação, pois é metafórico. Isso causa certo incômodo ao homem, que prefere se contentar com respostas prontas e acabadas.

A televisão é capaz de saciar esse desejo. Sarlo afirma que a repetição de estruturas, imagens e roteiros, ou seja, esquemas prontos e conhecidos, conforta e tranquiliza o ser humano. Por isso, o vilão sempre acaba derrotado, e tudo termina em casamento. Assim, a sensação é de que a TV põe as coisas em seu devido lugar.

O sonho acordado não atravessa ambientes totalmente desconhecidos e inesperados,

como o jungiano. O telespectador é capaz de moldar o seu sonho e evitar pesadelos. Basta apenas um zapping para buscar o que mais agrada aos olhos, diante de uma vasta quantidade de produções que não parece ter fim.

Além disso, a velocidade das imagens projetadas no sonho acordado é tão veloz que é impossível apresentar metáforas ou conteúdos de esforço mental muito grande. Em vez das figuras de linguagem, recorre-se a “imagens de alto impacto (...) e baixa quantidade de informação por unidade de tempo” (SARLO, 2000: 57)

Nesse ponto - e talvez somente nesse - os dois sonhos encontram uma característica comum. Jung afirma que nem sempre é possível lembrar o que se sonhou e voltar a sonhar, quando interrompido. Muitos sonhos não possuem uma ordem lógica e, na TV, a velocidade das imagens não permitem o retorno a certo fato – exceto em situações de flashback. O espectador precisa processar o que lhe é oferecido sem um fio condutor. Assim, resta apenas a falsa sensação de estar informado, mas tudo não passa de um sonho. Flashes não são suficientes para tocar a vida real.

Do mesmo modo que Jung afirma que não passamos uma noite sem sonhar, o homem também não suporta mais a idéia de não sonhar acordado. Sua exigência é proporcional ao número de canais que lhe é oferecido, e o silêncio tornou-se intolerável. Às vezes o próprio zapping não oferece o retorno compatível aos anseios humanos, e uma sensação de vazio inunda o espectador.

Uma das soluções encontradas pela televisão foi abrir-se para o público, tanto para se fazer conhecida como para fazê-lo conhecido. Além de ser uma máquina de entretenimento e informação, passou a assumir o pa-

pel democrático, relegado pelas instituições sociais “desencantadas”, dando voz ao povo, para resolver problemas do dia-a-dia. É um “espelho democrático e plebeu, espelho da totalidade dos públicos (...)” (SARLO, 2000: 67).

Outra inteligente estratégia da TV é a transmissão ao vivo, que retira toda e qualquer suspeita de manipulação. O sonho acordado, além de completo, é real, não apenas uma ilusão. “Como desconfiar de algo tão socialmente neutro como a lente?” (SARLO, 2000:73), que mostra a vida como ela é ao vivo e a cores?

Assim, a televisão, para evitar o silêncio e o vazio no coração do homem, não se cala nem por um minuto.

2 “Da idade da pedra à roupa de plástico”

Para ilustrar esse paralelo, basta verificar um exemplo de sonho acordado que resume as análises feitas anteriormente. Aplica-se, nesse caso, o programa produzido pela Rede Globo, que se autodenomina como “o show da vida”: *Fantástico*. Veiculado aos domingos, a produção é uma revista eletrônica de variedades. Mescla problemas econômicos e as banalidades da vida com espetáculos do Cirque Du Soleil.

Contudo, parece que a receita deu certo, e vem, ano após ano, se aperfeiçoando, seja no jogo de imagens, seja nos estilos de seus apresentadores. Para um programa, com duração de quase duas horas e que precede uma segunda-feira, a dinâmica do *Fantástico* é justamente a de um sonho acordado: rápido, ágil, dinâmico e atraente, a começar por seus apresentadores. Difícil se torna desligar a te-

levisão para a vida que continua no dia seguinte.

Mas nem sempre foi assim. O *Fantástico*, ao longo dos anos, passou por diversas mudanças. O avanço das tecnologias, que proporciona as transmissões ao vivo, passou também a acompanhar os ritmos da modernidade frenética. Longas e enfadonhas escaladas, blocos de grande duração, carregados de “notas cobertas”, perceptíveis em uma edição de 1989, foram substituídos por diálogos curtos, análises rápidas e pautas variadas, todos, sem exceção, recheados de imagens. Nesse caso, aplica-se o jargão “imagens valem mais do que palavras”.

E se a vida é bela e curta, não bastam apenas os problemas políticos e financeiros para o show. É preciso criar uma seqüência entre tragédia, humor, vida e futebol (os gols da rodada do campeonato brasileiro). Tudo o que pode ser convertido em assunto circula na TV (SARLO, 2000:83) e no *Fantástico*. Tudo isso na tentativa de evitar, ao máximo, o zapping nos domingos à noite.

Através desse rápido exemplo é possível visualizar a TV como o mais novo bezerro de ouro ou totem da modernidade. Contudo, alguns estudiosos, como Giovanni Sartori, e a própria Beatriz Sarlo, despertaram há tempos desse sonho.

3 O fantástico é preocupante

Sartori surge como um “bicho-papão”, aquele que vem estragar as noites mais belas do sonho. Para ele, o sonho acordado é reducionista e empobrece a mente humana, ao ponto de transformá-la numa caixa panóptica e digital. Segundo o autor, a TV cria pessoas que não pensam, mas que vêem, e preferem o “tudo ao mesmo tempo agora”,

bem ao estilo *Fantástico*. Por isso, seu objetivo é, nada mais nada menos, do que soar como a voz que desperta do sonho acordado para a “realidade real”, tudo o que o homo videns menos deseja.

Essa nova criatura, elaborada por Sartori possui, no lugar de uma cabeça com cérebro, uma caixa de ressonância, ou uma TV, num ponto de vista mais extremo. É, para o sonho acordado, um verdadeiro bicho-papão, uma espécie permutada, quem sabe, uma aberração. Sua visão foi reduzida ao cabresto da possibilidade de ver tudo por um único meio e canal, que em vez de educar, empobrece o conhecimento, com a saturação da informação. Quantidade, nesse caso, não é sinônimo de qualidade, quiçá de avanço.

É a supremacia do ato de ver sobre o falar e, conseqüentemente, sobre o questionar, refletir etc. Para Sartori, isso constitui um retrocesso, não um avanço, como anuncia a tecnologia. “(...) enquanto a capacidade simbólica distancia o homo sapiens do animal, o predomínio da visão o aproxima de novo às suas capacidades ancestrais” (SARTORI, 2001: 16).

Seria Sartori a nova encarnação de Ned Ludd? Seu objetivo é propor a destruição completa de todas as televisões? A resposta mais clara é precisa é do próprio autor: “(...) podemos afirmar que a televisão pode fazer bem ou mal, pode ajudar ou também prejudicar. Portanto não pode ser exaltada como um todo, mas tampouco pode ser condenada de maneira indiscriminada” (SARTORI, 2001: 30). Chega até a admitir que “o homem enquanto animal que gosta de se divertir e brincar, jamais foi tão satisfeito e gratificado em toda a sua história”. Contudo, não deixa de sugerir uma visão atenta e crítica em relação à TV, não para destruí-la ou contestá-la, mas

para buscar uma alternativa em meio às excessivas perdas do compreender.

4 30 motivos para sonhar

Arlindo Machado, outro estudioso da televisão, enumera em seu estudo trinta programas de TV que merecem destaque, não como meros produtos para consumo, mas que mostram o que uma “televisão levada a sério” pode produzir. Para ele, com a TV é possível unir, num só meio, entretenimento, diversão, quem sabe educação.

Para Machado, dizer que na televisão só existe banalidade e que não há espaço para o exercício da compreensão e do raciocínio é um grave equívoco. Questiona também o fato de a televisão ser colocada como responsável pelas mazelas causadas pela mercantilização da cultura - termo profundamente apocalíptico e frankfurtiano. Essas e outras críticas são, para ele, lamentáveis, afinal “(...) também se pode abordar a televisão sob outro viés, como um dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode exprimir (...) os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os vãos de sua imaginação” (MACHADO, 2003: 11).

Machado, citando Artur da Távola, prevê que, infelizmente “a televisão nunca será um produto de vanguarda”. Contudo, deixa o alerta de que o homem moderno nunca quis tanto sonhar acordado como hoje, e prefere a TV a um livro – esse último, considerado como um dos sinônimos da vida cult.

Apesar de não ter incluído o *Fantástico* em sua lista de programas, Arlindo dá margem para a idéia de que sonhar não é pecado e que as críticas, por mais ásperas que sejam, são válidas para uma reflexão, já que “nenhum

setor da sociedade pode ser aperfeiçoado se não estiver submetido a julgamento e avaliação permanentes” (MACHADO, 2003: 22). Para ele, se necessário for, acordar para a realidade é sempre um argumento válido. De qualquer forma, deseja bons sonhos a todos.

5 Bibliografia

MACHADO, Arlindo (2003). *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac.

SARLO, Beatriz (2000). *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

SARTORI, Giovanni (2001). *Homo videns. Televisão e pós-pensamento*. Bauru: Edusc